

Observador dos atravessamentos: Quando o caminho é ponte, casa e mirante.

Lucas Silva Pamio⁽¹⁾

Resumo: O estudo analisa o Viaduto Santa Ifigênia em São Paulo, destacando seu desenho, função viária e seu papel multifuncional. Conectando a cidade, atende a diversas atividades socioculturais. A abordagem fotográfica evidencia sua imponência e reforça sua relevância histórica como patrimônio urbano.

Palavras-chave: Observador - fotografia - Viaduto Santa Ifigênia - paisagem urbana - percepções

[Resúmenes en inglés y portugués en la página 71]

⁽¹⁾ **Lucas Silva Pamio** é arquiteto. Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1067-1556>.

Introdução

A introspecção provocada pela pandemia de COVID-19 trouxe à tona uma valiosa prática de reflexão, evidenciando questionamentos e constatações a partir das observações das vivências e percepções ao nosso redor. No contexto dos constantes deslocamentos durante o período de isolamento, a poética da coreografia do corpo revelou-se como uma narrativa pouco explorada em relação aos espaços, instrumentos e movimentos essenciais para atingir objetivos e atravessar distintos lugares. Recentemente, ao contemplar a dança coreografada dos transeuntes no Viaduto Santa Ifigênia, localizado no coração da capital paulista, surgiu a percepção de que este icônico viaduto supera sua função estritamente urbana. Além de ser uma ponte física, torna-se palco e casa, uma vez que abaixo dele flui um rio incessante de automóveis, enquanto no leito desse corpo fluvial, outros corpos habitam sob a proteção da estrutura metálica, enquanto exibindo-se, circulando, gesticulando, posando sobre ele, os transeuntes seguem seus caminhos. Assim, este artigo, por meio de uma leitura visual- fotográfica se propõe a oferecer uma leitura desse elemento urbano arquitetônico, que, apesar de sua natureza fixa, proporciona fluidez singular à cidade.

A pandemia de Covid-19 desencadeou uma transformação significativa em nossos modos de nos reconectarmos com a cidade que nos cerca, assim como com os elementos que a compõem. Não restam dúvidas de que a sociedade, como um todo, passou a cultivar uma observação mais aguçada durante os contratempos do período de reclusão voluntária. Pairar os braços sobre o parapeito da janela e contemplar o tempo que fluía tornou-se um exercício de esperança, ao mesmo tempo em que representava um processo profundo de reconexão com o espaço ao qual pertencemos. A persistência dessa ação gerou um comprometimento renovado em reconhecer não apenas os espaços urbanos que nos são próprios, mas também aqueles nos quais ocasionalmente nos inserimos. Essa percepção se materializou na experiência de observar a funcionalidade intrínseca do Viaduto Santa Ifigênia, situado na região central da cidade de São Paulo, revelando a capacidade da pandemia de incitar uma redescoberta significativa e introspectiva de nosso entorno urbano. O processo de observação urbana, valendo-se da fotografia como a oitava arte, teve início nos trabalhos pioneiros de Niépce e evoluiu para se tornar uma técnica consolidada e um instrumento essencial na interpretação das diversas espacialidades e personagens que compõem o cenário urbano. Como afirmou Collier (1973), a fotografia não apenas desvenda a vida cotidiana, mas também desempenha um papel crucial no entendimento antropológico, sendo uma ferramenta de pesquisa capaz de encapsular diferentes ações, situações e organizações.

Este é especialmente o caso ao analisarmos o viaduto em questão, uma construção monumental erguida em 1913 por encomenda do prefeito da cidade de São Paulo na época, Barão de Duprat. Fabricado com aço e ferro fundido, desenhado na Bélgica e transportado pelo Porto de Santos, conforme apresenta a pesquisa de Oliveira (2011), o viaduto foi montado no local para unir o Largo de São Bento ao Largo de Santa Ifigênia. Sua finalidade original era desafogar o tráfego de pessoas, automóveis e outros veículos na região central paulistana. Através da lente fotográfica, esse monumento histórico revela não apenas sua função prática, mas também a complexidade de sua história, destacando-se como um testemunho visual das transformações urbanas ao longo do tempo.

Através da lente fotográfica, revela-se a capacidade única de ler as inúmeras particularidades presentes no espaço urbano. Mesmo em uma época em que a observação visual é mais aguçada, há aspectos que escapam ao olhar desatento do cotidiano, podendo passar despercebidos para outras pessoas. Conforme argumentado por Collier (1973), as fotografias desempenham um papel de grande relevância ao capturar a realidade material, oferecendo uma observação visual mais direta e autêntica. Ao aplicar essa abordagem à documentação do viaduto, emerge a compreensão de que este elemento arquitetônico não é apenas um caminho funcional, mas sim um espaço multifacetado que pode assumir as características de ponte, casa e mirante. Por meio das imagens capturadas, o viaduto se apresenta como um registro visual, uma conexão entre diversas funções urbanas e uma narrativa congelada que vai além das limitações do observador casual.

Assim como muitos outros elementos urbanos e estruturais encontrados nas grandes cidades, que são concebidos intuitivamente para atender a uma finalidade específica, os viadutos, no contexto urbano, frequentemente adquirem usos secundários ou desempenham funções não inicialmente previstas. O viaduto é um exemplar característico desse fenômeno, servindo como elemento de ligação entre diferentes pontos da cidade. No caso

do viaduto em questão, ele interliga duas regiões cuja geografia remonta ao processo de formação da cidade de São Paulo, situando-se em uma área de vale onde, no passado, fluía o Rio Anhangabaú, agora canalizado. Composto por três arcos, o viaduto desempenha funções múltiplas, sendo palco para a circulação de diversos rostos, veículos de vigilância e bicicletas sobre seu calçamento.

Abaixo da estrutura, automóveis, veículos de transporte público, outros rostos e até mesmo moradores sem teto ocupam o espaço, evidenciando a complexidade de suas funções na trama urbana. A materialidade dessa estrutura, capturada pela observação citadina e registrada por meio da foto, oferece um terreno fértil para a emergência de ideias a partir dos atravessamentos que ocorrem nesse espaço multifuncional, sendo para Murray (2003) é um convite a viver uma experiência tida como um recorte espacial e temporal.

Nessa paisagem complexa, a fotografia emerge como uma ferramenta essencial para desvelar as camadas de significado presentes nos usos diversos do viaduto. Ao capturar a multiplicidade de rostos, atividades e estratificações que coexistem sob e sobre sua estrutura, a imagem convida à reflexão sobre as narrativas entrelaçadas e os atravessamentos que moldam a experiência urbana. Através do registro visual, as dinâmicas sociais, as transformações e a coexistência de diferentes realidades no viaduto se revelam, proporcionando uma rica fonte de insights para a compreensão da complexidade urbana e as formas como as estruturas urbanas se adaptam e evoluem ao longo do tempo.

A interseção entre a fotografia e a compreensão urbana, quando focalizada na articulação dos diversos elementos que constituem a cidade, tem emergido como uma ferramenta essencial de documentação. Conforme destacado por Rouillé (2009), a fotografia desempenha um papel crucial como evidência concreta dos processos de desenvolvimento, transformações e reorganizações urbanas. Mais do que uma simples representação visual, a fotografia assume o status de prova comprobatória, capturando e congelando a paisagem em constante mutação. Nesse contexto, ela se torna um testemunho autêntico dos avanços, retrocessos e evoluções que moldam a dinâmica urbana ao longo do tempo. Ao adotar a fotografia como instrumento de registro, não apenas eternizamos a estética dos espaços urbanos, mas também preservamos a memória visual de uma cidade em constante diálogo consigo mesma.

No processo de observar os diversos personagens que protagonizam o espetáculo da vida no espaço urbano, estabelece-se uma relação intrínseca entre ser e estar permeada pela poesia do momento. A troca entre observador e observado, ao situar-se nesse elemento arquitetônico que, enquanto estrutura, é físico e fixo, revela uma certa volatilidade nas ideias, pensamentos e gestos daqueles que por ali transitam. O caráter poético desse processo reside na interconexão entre a observação atenta e a experiência de ser observado, criando uma dinâmica fluida e mutável.

Esse pensamento ganha ainda mais força quando o observador não se encontra oculto, mas está situado no Edifício Mirante do Vale, uma caixa de concreto que oferece uma visão privilegiada do cenário urbano. Nessa experiência visual autêntica, conforme defendido por Knauss (2008), a troca de olhares torna-se uma ferramenta valiosa, proporcionando, por meio dos registros fotográficos, uma ampliação das percepções das visualidades urbanas. O observador, ao capturar essas observâncias, não apenas testemunha o espetáculo da

vida na cidade, mas também contribui para a construção de narrativas visuais do efêmero, transformando-se em registros significativos do dinamismo urbano.

Do décimo terceiro andar, com uma vista central privilegiada para o novo Vale do Anhangabaú, o olhar atento do observador se volta, de maneira especial, para o viaduto. No entanto, a riqueza do entorno não passa despercebida. Uma sinfonia visual se desdobra diante dos olhos, revelando edificações que testemunham os primeiros traços da arquitetura paulistana, desníveis que se tornam gradualmente menos acentuados, praças, algumas ressequidas, fachadas, algumas agora desativadas, marquises, caminhos, vias, acessos, além da efervescência de veículos e pedestres. A imersão nessa realidade é marcada por uma euforia que se desdobra em mistas sensações, enquanto, com a câmera firmemente nas mãos, registra-se meticulosamente tudo o que se pode capturar. Esse processo, conforme delineado por Murray (2003), supera a documentação visual, sendo uma construção de sentidos a partir das inúmeras surpresas avistadas na paisagem.

Cada clique da câmera torna-se um ato de interpretação, uma tentativa de dar significado às nuances e complexidades desse pedaço de território, revelando uma leitura consistente e singular desse cenário urbano dinâmico. Nesse processo de observação e registro, a câmera não apenas captura a realidade visível, mas também se torna uma ferramenta para construir narrativas visuais que vão além da superfície. Cada imagem se transforma em um elo entre o observador e o objeto observado, proporcionando uma oportunidade única de explorar as múltiplas camadas de significado presentes na paisagem urbana. À medida que a câmera enquadra e registra os elementos do entorno, ela participa ativamente na construção de uma leitura aprofundada e significativa desse espaço, onde a interação entre o observador, a paisagem e o ato de fotografar se entrelaçam para criar uma experiência visual rica em sentidos e interpretações.

O interesse em analisar esse processo de observâncias, reside na necessidade de explorar e compreender as múltiplas facetas do Viaduto Santa Ifigênia, um elemento urbano que desempenha papéis distintos na tessitura da cidade de São Paulo. Este viaduto não é apenas uma estrutura de conexão entre regiões, mas um microcosmo urbano que abriga uma complexidade de interações sociais. Servindo como acesso vital, moradia para alguns membros marginalizados da sociedade, mirante panorâmico e testemunha de eventos históricos, sua função arquitetônica se torna uma peça viva e multifacetada do cenário urbano.

A escolha de utilizar a fotografia como instrumento técnico e artístico para retratar a vida que pulsa nesse elemento centenário é motivada pela capacidade única dessa mídia em capturar a essência efêmera e dinâmica da experiência urbana. A fotografia não apenas documenta, mas também oferece uma linguagem visual que permite explorar e comunicar as camadas de significado presentes no Viaduto Santa Ifigênia, contribuindo para a preservação de sua rica história e patrimônio cultural.

Proporcionando uma análise abrangente do Viaduto Santa Ifigênia, explorando sua influência nas dinâmicas urbanas contemporâneas, considerando como este elemento arquitetônico se entrelaça com as vidas cotidianas daqueles que o atravessam, residem abaixo de sua estrutura ou o utilizam como ponto de mirada, além de revelar sua importância histórica e patrimonial, contextualizando-o dentro do desenvolvimento urbano de São Paulo e através da lente da fotografia revelar não somente momentos singulares e representativos

da vida no Viaduto Santa Ifigênia, mas também proporcionar uma plataforma para a reflexão sobre as complexidades sociais, culturais e históricas que esse ícone urbano encapsula.

Metodologia

A combinação de observação, escuta e análise visual nos permite criar um retrato abrangente e profundo do viaduto, destacando seu papel na vida urbana e na experiência coletiva. A pandemia nos forçou a desejar mais o externo, a valorizar os espaços públicos e a refletir sobre nossa interação com eles. Este exercício de observação e análise se torna, portanto, um meio de reconectar com o mundo exterior, de entender nossas próprias necessidades e de reconhecer a importância dos espaços compartilhados na construção de uma sociedade mais coesa e consciente.

A pandemia de COVID-19 ampliou a importância da observação como uma habilidade crucial para entender o mundo ao nosso redor. Confinados em nossas casas, muitos de nós nos voltamos para a observação detalhada do ambiente imediato, seja a vista da janela ou a rua em frente. Este período intensificou nossa capacidade de notar detalhes que antes passariam despercebidos. Para analisar o cenário do viaduto, a observação meticulosa torna-se essencial. Através de uma observação contínua, podemos captar as mudanças sutis na dinâmica social, nos padrões de tráfego e nas interações humanas. A escuta atenta é outro componente vital. Durante a pandemia, o silêncio das ruas vazias nos fez perceber sons antes abafados pelo ruído constante da vida urbana.

No contexto do viaduto, escutar as vozes das pessoas que ali circulam, os sons dos veículos, e até o murmúrio da natureza ao redor, proporciona uma compreensão mais profunda do ambiente. A escuta ativa nos permite captar as narrativas subjacentes, as histórias não contadas e as emoções que permeiam o espaço. A análise dos cenários urbanos durante e após a pandemia exige uma abordagem multidisciplinar. Devemos considerar aspectos sociais, econômicos, culturais e históricos que moldam o espaço. A fotografia, como ferramenta metodológica, oferece uma forma de documentar e analisar essas dimensões. Através das lentes da câmera, podemos capturar momentos significativos que revelam a essência do lugar e suas transformações.

Desenvolvimento: Um observador que observa enquanto é observado

O Viaduto Santa Ifigênia, símbolo de modernidade para a capital paulista, desempenhou um papel crucial como marco do primeiro grande impulso do progresso na cidade, conforme destacado por Resende e Braga (2022). Sua inauguração em 1913 representou não apenas uma solução viária, mas também um avanço urbanístico que viabilizou a passagem sobre a movimentada Avenida Prestes Maia, conectando o Largo de São Bento ao Largo de Santa Ifigênia. Projetado pelo renomado escritório de arquitetos italianos Micheli e Chiappori, a imponente estrutura exibindo um desenho ítalo-belga e uma linguagem

Art Nouveau, tornou-se uma verdadeira obra de arte no coração do centro paulistano. O viaduto, com seus impressionantes duzentos e vinte e cinco metros de comprimento, é caracterizado pela formação de três arcos completos, espaçados por generosos cinquenta e três metros entre si.

Sustentando majestosamente a estrutura, encontram-se quatro robustos pilares metálicos, reforçados em concreto, enquanto mais dois pilares secundários desempenham um papel crucial no nivelamento, estrategicamente posicionados próximos à conexão com o calçamento dos largos. Notavelmente, toda a grandiosidade da construção foi moldada a partir de aço laminado, com a exceção dos elegantes guarda-corpos, que foram meticulosamente elaborados em ferro fundido. Uma verdadeira sinfonia de design e engenharia, o viaduto não apenas impressiona os observadores, mas também contribui com o conjunto arquitetônica da cidade.

No entanto, ao longo dos anos 1940, o viaduto enfrentou desafios, com danos decorrentes da corrosão, o que levou a intervenções para reforçar sua estrutura e garantir sua durabilidade. Na década de 1970, o viaduto assumiu uma nova função, transformando-se em uma via de circulação exclusivamente pedonal. Essa mudança intensificou seu papel como elemento de contemplação da paisagem, visto que permanece elevado, com um fluxo constante de pedestres, mas sem tráfego veicular em seu segmento. Assim, ao longo do tempo, o Viaduto Santa Ifigênia não apenas testemunhou a evolução da cidade, mas também se reinventou, consolidando-se como um ícone histórico e arquitetônico de São Paulo.

Como o ícone que se tornou, possibilitou que emergisse como um elemento integral da paisagem, hoje considera-se não apenas como um espaço de passagem, mas como um cenário singular de contemplação. Nesse contexto, transforma-se em um ponto de convergência estética e cultural. O observador, imerso nesse ambiente dinâmico. O viaduto, assim, se revela como um espaço compartilhado de experiências visuais, onde a interação entre o observador e o cenário se torna um componente essencial na construção coletiva de significados e narrativas urbanas.

Ao adotar a perspectiva do observador como um agente integrado ao processo criativo, que incorpora em si o próprio fazer arte, a transposição a partir dos registros fotográficos ganha uma missão crucial. Essa missão visa imbuir no produto final a mesma percepção vivenciada in loco pelo observador. Nesse contexto, parte da responsabilidade é dedicada à “desaturação”, contrapondo-se à ideia apresentada por Martins e Tourinho (2011). A desativação busca romper com a concepção de que as imagens produzidas e exibidas em telas e monitores são meros espetáculos visuais. Em vez disso, o objetivo é permitir que essas imagens estabeleçam uma comunicação efetiva com quem as observa, instigando a experimentação de sensações e a formulação de opiniões. O observador deixa de ser um mero telespectador para se tornar um participante ativo, envolvido na complexa dança de interpretação e criação que permeia o universo da arte fotográfica.

Equipado com uma câmera digital do modelo super zoom, o observador, munido de sua ferramenta tecnológica, dedicou-se a registrar a vista em diferentes momentos do dia. Ao contemplar a paisagem repleta dos elementos previamente mencionados, entre os quais se destaca o imponente Viaduto Santa Ifigênia, optou por posicionar a câmera em um tripé estrategicamente próximo ao parapeito da janela do quarto. Essa escolha proporcionou a captura de fotografias que agora são apresentadas neste conjunto. Estas imagens, que ofe-

recem pistas e esclarecimentos sobre a vida cotidiana de uma das regiões mais vibrantes da capital paulista, foram preservadas em sua essência. A intervenção foi mínima, limitando-se a ajustes de iluminação e dimensão, preservando a autenticidade do momento capturado, iniciando esse processo com o viaduto num plano mais central enquanto o entorno preenche o restante da cena, conforme a *Imagem 1*.

O desenvolvimento do processo de registro e análise foi meticulosamente moldado por observâncias particulares, visando inicialmente a compreensão aprofundada de cenas e personas. Essa abordagem cuidadosa possibilitou, através da observação direta, a apreensão dos variados sentidos presentes, direcionando, assim, o olhar tanto ocular quanto fotográfico para a captura sensível de retratos urbanos. Ao priorizar essa fusão entre a observação atenta e a técnica fotográfica, o processo permitiu não apenas documentar visualmente a realidade, mas também interpretar e transmitir a complexidade intrínseca das experiências urbanas, sendo que tal especificidade de observação “é sem dúvida a técnica privilegiada para investigar os saberes e as práticas na vida social e reconhecer as ações e as representações coletivas na vida humana” (Rocha; Eckert, p. 02, 2008).

A escolha do processo de escrita e construção imagética como uma potência artística para a leitura da paisagem urbana, centrando-se na articulação do Viaduto Santa Ifigênia, é fundamentada na compreensão de que a expressão verbal aliada à imagem fotográfica proporciona uma abordagem holística e enriquecedora. O viaduto, como ponto focal, é mais do que uma estrutura física; é um símbolo carregado de significado cultural, social e histórico. A escrita e as imagens capturadas funcionam em sinergia para articular as complexas interações e narrativas que emanam desse elemento urbano.



Imagem 1. Paisagem paulistana a partir do Mirante do Vale, com o Viaduto Santa Ifigênia ao centro. Fonte: Produzido pelo autor, 2023.

Através da lente da câmera, podemos não apenas documentar, mas também comunicar as nuances e sutilezas do viaduto, revelando as múltiplas camadas de significado presentes na paisagem urbana. Essa abordagem visa não apenas oferecer uma visão estética, mas também instigar reflexões sobre a interseção entre o espaço construído e as experiências humanas, explorando as potencialidades artísticas como um meio enriquecedor para a interpretação e compreensão da complexidade urbana.

Meira (2003) propõe uma perspectiva inovadora sobre a imagem, enfatizando que esta, quando reproduzida por meio do registro fotográfico, se constitui como um campo semântico complexo. Segundo a autora, a leitura da imagem vai além da sua representação física, adentrando seu caráter virtual. Esta visão expandida desafia a explorar as camadas mais profundas da imagem, reconhecendo-a como uma manifestação rica em nuances e potencialidades interpretativas. Tal qual uma imagem é formada por camadas, assim também é a cidade, onde as pessoas compõem uma dessas fatias e é a partir dos rostos que se cruzam que se registram as nuances das relações entre as pessoas com o equipamento belga.

É pertinente discorrer sobre os rostos que foram observados e registrados conforme a *Imagem 2*, pois essas faces, visualmente imortalizadas nas imagens, revelam-se incapazes de fornecer dados precisos sobre quem são ou o que fazem. A fotografia, dotada de sua própria limitação, em “anotar” feições e ambiências em detalhes exatos, capturando, em vez disso, um modo de ser passageiro. Cada rosto, captado no instantâneo do click, torna-se uma máscara de identidade que esconde, por trás de sua expressão, uma infinidade de histórias não contadas. Essa limitação da fotografia em fornecer dados concretos sobre os indivíduos retratados convida a uma contemplação mais profunda, estimulando a audiência a preencher as lacunas com suas próprias interpretações, questionamentos e conjecturas. Assim, ao explorar as imagens capturadas, somos desafiados a reconhecer a intrínseca ambiguidade presente na representação visual dos rostos que habitam o cenário urbano do Viaduto Santa Ifigênia.



Imagem 2.
Rostos indo e vindo.
Fonte: Produzido
pelo autor, 2023.

Ao contemplar a vista da janela, conforme evidenciado na imagem 03, destaca-se que o divisor de faixas de trânsito, no qual se integra um dos suportes da estrutura metálica do viaduto, assume a condição de área residual. Esta observação suscita reflexões sobre a subutilização do espaço, uma vez que poderia ser destinado a propósitos paisagísticos ou mesmo configurar-se como uma área de acesso e permanência protegida por gradis. A assertiva de que o local é inadequado devido à proximidade com o fluxo de veículos revela-se contraditória, pois há constatações empíricas de pessoas que não apenas acessam o espaço, mas também o transformam em moradia temporária. Tal contraste enfatiza a complexidade inerente à interpretação do espaço urbano, ressaltando a necessidade de considerar as diversas maneiras como as pessoas se apropriam e atribuem significado a essas áreas aparentemente marginais, sendo estes “variados e heterogêneos conjuntos de atores sociais cuja vida cotidiana transcorre na paisagem da cidade e depende de seus equipamentos” (Magnani, p. 260, 2012).

A busca por uma mínima proteção e segurança, impulsiona a opção por habitar os espaços situados abaixo do viaduto. Essa escolha não apenas simboliza a procura por tranquilidade, mas também é orientada pela necessidade de manter uma distância segura dos fluxos intensos, abordagens indesejadas e situações de vulnerabilidade aumentada. Nesse contexto, emerge uma disparidade evidente, onde diversas habitações permanecem desocupadas, enquanto um número significativo de pessoas enfrenta a necessidade urgente de encontrar moradia.



Imagem 3. Planos do viaduto, luzes dos autos, sombras de moradia. Fonte: Produzido pelo autor, 2023.

Não é surpreendente, portanto, que indivíduos que buscam refúgio nesses espaços marginalizados e frequentemente negligenciados também se integrem ao cenário observado a partir do viaduto. Essa realidade complexa não apenas sublinha a carência habitacional, mas ressalta a urgência de adotar abordagens mais equitativas e inclusivas na gestão do espaço urbano. O viaduto, ao se tornar palco dessa dinâmica, revela-se como um microcosmo das complexidades sociais que permeiam a cidade, convidando à reflexão sobre políticas urbanas mais justas e soluções habitacionais inclusivas, logo tem-se o viaduto como moradia, ilustrada pela *Imagem 4*.

Transcendendo sua função meramente utilitária ao se transformar em um espaço vibrante repleto de rostos que não apenas trilhavam o percurso como uma rota para alcançar um destino, mas também o utilizam como local para exercer diversas funções. Ambulantes ocupam esse espaço, comercializando uma variedade de produtos, vendendo leituras do futuro, anunciando mercadorias e até mesmo demonstrando seus talentos através de cantos e danças. Essa diversidade de atividades confere ao viaduto uma atmosfera única, onde os rostos dos frequentadores se tornam personagens ativos na narrativa cotidiana da cidade. Contudo, é essencial abordar com cautela esse ambiente dinâmico, pois, enquanto se caminha ou se observa a cidade ao redor, outros rostos podem estar envolvidos em pequenos delitos, como furtos, exigindo uma atenção diligente por parte dos transeuntes. Nesse experimento de interação urbana, a prática da fotografia emerge como uma ferramenta poderosa para avistar e questionar diferentes situações e ocasiões. Ao capturar instantes efêmeros, a câmera proporciona uma escrita da luz que vai além da mera documentação visual. Ela se torna um meio de narrar as nuances, os contrastes e as complexidades do viaduto como um microcosmo urbano. Através dessas imagens, é possível explorar não apenas a vitalidade e a diversidade das atividades que ocorrem no local, mas também desafiar estereótipos, examinar desigualdades e, em última instância, construir uma representação visual rica e multifacetada desse espaço urbano em constante evolução.



Imagem 4.
O viaduto como
telhado da moradia.
Fonte: Produzido
pelo autor, 2023.

Da janela, a visão se estende até o viaduto, onde artistas locais se apresentam, desdobrando seus talentos diante dos transeuntes, criando performances que um dia podem vir a ser reconhecidas em âmbito mais amplo. No entanto, a grandiosidade do palco não diminui a importância dos artistas locais, cujas apresentações continuam a ser memoráveis para quem tem o privilégio de testemunhá-las na inusitada cena observada. Além desses talentos, outros artistas também contribuem para a diversidade do espetáculo, praticando diferentes formas de expressão artística no cenário dinâmico do viaduto.

Como uma filha única fotográfica, o ato nesse palco urbano pode até ser visto como sem sentido, revelando uma linguagem não compreendida, contudo, é nesse aparente caos visual que reside a autenticidade e singularidade das expressões artísticas. Cada performance, ainda que aparente falta de significado, se torna uma peça única e irrepetível no vasto mosaico da experiência urbana. Essa singularidade desafia as convenções preestabelecidas, convidando o espectador a explorar e interpretar as nuances escondidas por trás da aparente falta de lógica, proporcionando uma visão mais profunda e rica das diversas formas de expressão que ecoam no palco do cotidiano urbano, uma vez que “o acontecimento é o próprio sentido. O acontecimento pertence essencialmente à linguagem” (Deleuze, p. 23, 2003).

Enquanto alguns jovens gravam um clipe, outros transeuntes param para apreciar os passos de dança e absorver a mensagem do rap, cuja letra não é audível da janela, mas se revela como mais uma manifestação significativa entre tantas que ocorrem naquele elemento estrutural, o Viaduto Santa Ifigênia. Este cenário não apenas testemunha a convergência de expressões artísticas diversas, mas também destaca a capacidade do viaduto de se transformar em um espaço cultural dinâmico, onde a criatividade e a interação social se entrelaçam, enriquecendo a experiência urbana para os participantes e os observadores casuais. Nos momentos em que a interação com o viaduto é reduzida, conforme a imagem 06, registrada no início da noite, o observador encontra oportunidade para apreciar a relação das estruturas na paisagem. Nesses intervalos, emerge uma contemplação silenciosa, permitindo que a atenção se volte para a beleza intrínseca do vazio, que paradoxalmente está constantemente preenchido pela estética única da cidade. O olhar se perde nos espaços entre edifícios, nas linhas que compõem a arquitetura, revelando que, mesmo na ausência de movimento efervescente, há uma beleza inegável no cenário urbano. Essa pausa, muitas vezes negligenciada, proporciona uma oportunidade de apreciar a serenidade e complexidade que residem nos detalhes menos evidentes da cidade, reforçando a ideia de que a beleza pode ser encontrada tanto na presença quanto na ausência de elementos visuais dinâmicos.

O viaduto funciona como um termômetro do diálogo urbano em relação à usabilidade espacial, revelando-se sensível às variações de atividade ao longo do dia. Durante o horário comercial, observa-se uma intensa circulação de pedestres utilizando o equipamento para acessar seus locais de trabalho, residências e opções de serviço e lazer. No entanto, fora desse período, nota-se uma redução significativa na movimentação, indicando uma transformação na dinâmica do viaduto. Essa variação não apenas destaca a importância prática do local para a rotina diária dos cidadãos, mas também evidencia a versatilidade do viaduto como um elemento que se adapta às diferentes necessidades da comunidade ao longo do tempo.



Imagem 5. O viaduto que também fica vazio e aproveita para descansar e também observar. Fonte: Produzido pelo autor, 2023.

Nos períodos em que o fluxo de pessoas e a dinâmica habitual de utilização do viaduto se mantêm inífera, quando a notoriedade dos rostos transitórios decai, revela-se o momento propício para apreciar a beleza singular desta peça centenária. O Viaduto Santa Ifigênia, em sua imponência arquitetônica, revela uma beleza artística que se desenha na complexidade de sua estrutura e de sua relação com a cidade. É nesse cenário de constância, no qual o ir e vir assume uma cadência regular, que os detalhes intrincados, as linhas elegantes e a presença marcante desse ícone urbano se destacam como elementos que suscitam uma apreciação estética mais profunda. O observador, imerso na contemplação dessa peça atemporal, é convidado a mergulhar na interseção entre a história, a arte e a funcionalidade urbana, descobrindo uma beleza que vai além do movimento da vida cotidiana.

Considerações finais

Em síntese, buscou-se desvelar a intrínseca relação da beleza artística entre as dinâmicas de usabilidade e a identidade do Viaduto Santa Ifigênia na região central de São Paulo, compreendendo sua formação estrutural. Através de um exercício de observação realizado a partir da janela de um quarto no Edifício Mirante do Vale, foi possível capturar e analisar os elementos que compõem a paisagem urbana, assim como explorar as diversas maneiras pelas quais os usuários interagem com o viaduto. Este emblemático elemento

arquitetônico revelou-se como mais do que uma simples via de passagem, assumindo papéis multifacetados, desde acesso fundamental até espaço de moradia, atuação, e mirada contemplativa. Ao se observar e fotografar essas diversas facetas, emerge uma narrativa visual que vai além da funcionalidade estrutural, destacando o viaduto como um componente vital na tessitura da identidade urbana, constatando que “fotografar é conferir importância” (Felizardo, 2000, p. 13).

Nessa perspectiva, a experiência de observar e documentar o Viaduto Santa Ifigênia a partir de um ponto privilegiado não apenas proporcionou insights sobre a riqueza e complexidade dessa peça centenária, mas também permitiu explorar as múltiplas camadas de significado que ela incorpora na vida cotidiana da cidade. O exercício visual revelou-se uma abordagem valiosa para desvelar a beleza artística presente nas interações diárias, evidenciando como o viaduto se entrelaça de maneira única com a dinâmica urbana e se torna um elemento vivo na paisagem, que a relação entre a usabilidade funcional e a identidade artística do Viaduto Santa Ifigênia é um fenômeno rico e multifacetado que merece ser continuamente explorado e apreciado como um aspecto crucial da experiência urbana na cidade de São Paulo.

Observar os rostos, imaginando suas histórias, enquanto os vemos indo e vindo ao longo dos 225 metros que compreendem o viaduto, é uma experiência enriquecedora. Nesse contexto, a fotografia se revela uma aliada poderosa, não apenas para documentar a relação urbana e arquitetônica da estrutura na paisagem, mas também para captar a essência da interação humana. Embora as percepções acerca das faces, dos usos e dos momentos de vazio possam ser consideradas particulares, a fotografia, conforme apontado por Collier (1973), incorpora um número significativo de verdades não verbais. Essas imagens capturam nuances e detalhes que transcendem as palavras, permitindo ao observador reconstruir uma realidade esquemática e formar conceitos. A fotografia, então, atua como um meio poderoso de comunicação visual, transmitindo informações e emoções de maneira silenciosa, mas impactante. Ao explorar as nuances contidas nas imagens, o observador é desafiado a interpretar e construir significados a partir das verdades não verbais presentes, enriquecendo assim a compreensão da complexidade subjacente aos rostos, usos e momentos capturados na paisagem urbana.

O Viaduto Santa Ifigênia emerge não apenas como uma estrutura viária, mas como um símbolo histórico e cultural intrínseco a São Paulo. Desde sua inauguração em 1913, projetado por renomados arquitetos italianos, ele não só conectou pontos cruciais da cidade, mas também se transformou em uma obra de arte urbana, resistindo ao tempo através de transformações que o mantiveram relevante. Ao longo das décadas, enfrentou desafios como corrosão, adaptando-se para se tornar uma via exclusivamente pedestre na década de 1970, reforçando assim seu papel como espaço de contemplação e interação social, além de um palco dinâmico para atividades culturais e expressões artísticas.

O próprio desenho do Viaduto Santa Ifigênia proporciona um dinamismo que vai além de sua função de conector de espaços urbanos. Ele se transforma em mais do que uma simples via de passagem, tornando-se um local multifacetado que abriga diferentes possibilidades de uso. Seu formato e estrutura permitem que seja simultaneamente casa, mirante e ponto de encontro, adaptando-se às necessidades e vivências das pessoas que o percorrem ou interagem com ele. Como uma peça-chave na paisagem urbana, o viaduto se insere

como um espaço de diversidade de acontecimentos, onde a dinâmica social e cultural da cidade se desenrola de maneira contínua, reforçando seu papel fundamental na formação da identidade local.

As imagens capturadas revelam não apenas sua estética impressionante, mas também as complexas interações sociais que se desdobram ao seu redor, desafiando constantemente as políticas urbanas a serem mais inclusivas e equitativas. Dessa forma, o Viaduto Santa Ifigênia transcende sua função original, transformando-se em um microcosmo urbano que enriquece a experiência coletiva da cidade, refletindo suas histórias, culturas e dinâmicas sociais de maneira profundamente simbólica e estética.

Referências

- Collier, John. *Antropologia visual: a fotografia como método de pesquisa*. São Paulo: EPU - Editora da USP, 1973.
- Deleuze, Gilles. *Lógica do sentido*. Tradução de Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Editora Perspectiva, 2003.
- Felizardo, L. C. O relógio de ver. Porto Alegre: Gabinete de Fotografia/FUMPROARTE, 2000.
- Knauss, Paulo. Aproximações disciplinares: história, arte e imagem. *Anos 90, Porto Alegre*, v. 15, n. 28, dez. 2008, p.151-168.
- Magnani, José Guilherme. *Da periferia ao centro – trajetórias de pesquisa em antropologia urbana*. São Paulo: Terceiro Nome, 2012.
- Martins, Raimundo; Tourinho, Irene (Orgs.). *Educação da Cultura Visual: Conceitos e contextos*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2011.
- Meira, Marly Ribeiro. *Filosofia da Criação: reflexões sobre o sentido do sensível*. Porto Alegre: Mediação, 2003.
- Murray, J. *Hamlet no Holodeck: o futuro da narrativa no ciberespaço*. Tradução de Elissa Khoru Daher, Marcelo Fernandez Cuzziol – São Paulo: Itaú Cultural: Unesp, 2003.
- Oliveira, Rodrigo. *Os três viadutos do Vale do Anhangabaú: aspectos históricos, construtivos e estruturais*. 2011. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/3/3144/tde-09082011-152807/>. Acesso em: 10 jan. 2024.
- Rezende, Gabriel; BRAGA, Rogério. O viaduto que não caiu: a cidade como perda em Adoniran Barbosa. *Revista Do Instituto De Estudos Brasileiros*, N. 18, 2022, 115-140.
- Rocha, Ana Luiza; ECKERT, Cornélia. *Etnografia: Saberes e práticas. Iluminuras: série de publicações eletrônicas do Banco de Imagens e Efeitos Visuais, LAS, PPGAS, IFCH e ILEA, UFRGS*. Porto Alegre, N. 21, 2008, p.23.
- Rouillé, André. *A fotografia: entre documento e arte contemporânea*. São Paulo: Senac, 2009.

Resumen: El estudio analiza el Viaducto Santa Ifigênia en São Paulo, destacando su diseño, función vial y su papel multifuncional. Conectando la ciudad, atiende a diversas actividades socioculturales. El enfoque fotográfico destaca su majestuosidad y refuerza su relevancia histórica como patrimonio urbano.

Palabras clave: Observador - fotografía - Viaducto Santa Ifigênia - paisaje urbano - percepciones

Abstract: The study analyzes the Santa Ifigênia Viaduct in São Paulo, highlighting its design, road function, and multifunctional role. Connecting the city, it serves various socio-cultural activities. The photographic approach emphasizes its grandeur and reinforces its historical significance as an urban heritage site.

Keywords: Observer - photography - Santa Ifigênia Viaduct - urban landscape - perceptions

[Las traducciones de los abstracts fueron supervisadas por el autor de cada artículo]
